Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

POLIFARMÁCIA EM IDOSOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE NO INTERIOR DA PARAÍBA

POLYPHARMACY IN THE ELDERLY IN A BASIC HEALTH UNIT IN THE INTERIOR OF PARAÍBA

Rafaela de Albuquerque Paulino[1]
Rebeca de Albuquerque Paulino[2]
Milena Nunes Alves de Sousa[3]

RESUMO - Objetivo: Objetivou-se analisar a prevalência da polifarmácia e o perfil epidemiológico dos pacientes idosos de uma Unidade Básica de Saúde do interior da Paraíba. Métodos: Foi realizado estudo transversal e quantitativo. Os dados foram coletados no município de Patos, Paraíba através dos prontuários eletrônicos e de um roteiro de entrevista estruturado que incluiu variáveis epidemiológicas e clínicas. A amostra da população estudada foi não probabilística (24,49% do total) devido ao atual momento pandêmico da COVID-19 e seus consequentes óbitos e isolamento social e domiciliar e realizada análise descritiva dos dados. Resultados: De acordo com achados, dos 107 participantes, 33,6% (n=36) encontravam-se em polifarmácia, sendo que 77,8% (n=28) eram mulheres, na faixa etária com 80 anos ou mais de idade (44,4%; n=16), solteiras (41,6%; n=15), analfabetas ou com ensino primário incompleto (55,6%; n=20), apresentando mais de três comorbidades (52,8%; n=19) e os fármacos mais utilizados eram os de ação no sistema cardiovascular (97,2%; n=36) e no sistema nervoso central (55,6%; n=20). Também apresentaram autoavaliação negativa da saúde (50%; n=18). A alta prevalência de polifarmácia obtida no presente estudo evidencia que o uso de cinco

[1] Médica pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Pós-graduanda em Residência Médica de Medicina de Família e Comunidade do Centro Universitário de Patos (UNIFIP); paulino.rafaela@gmail.com;
[2] Médica pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE);
[3] Mestre em Ciências da Saúde. Doutora em Promoção à Saúde. Pós-doutora em Promoção à Saúde. Pós-doutora em Sistemas Agroindustriais. Pró-reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação UNIFIP. Docente do Curso de Medicina da UNIFIP. Coordenadora do Eixo de Práticas Integrativas em Saúde. Coordenadora de TCC. Editora chefe JMHP/REBES/BAHE/OBDJ.

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

ou mais medicamentos parece ser uma realidade entre os idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde. Conclusões: O conhecimento do perfil epidemiológico e a prevalência da polifarmácia na população idosa é de fundamental, pois reflete a qualidade da assistência fornecida e o impacto do excesso de prescrições às quais são submetidos, além de fomentar dados necessários para propor estratégias de prevenção e minimização dos danos decorrentes da prática.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Idosos; Polimedicação; Revisão de Uso de Medicamentos; Erros de Medicação.

ABSTRACT - Objective: The objective was to analyze the prevalence of polypharmacy and the epidemiological profile of elderly patients in a Basic Health Unit in the interior of Paraíba. Methods: A cross-sectional and quantitative study was carried out. Data were collected in the city of Patos, Paraíba through electronic medical records and a structured interview script that included epidemiological and clinical variables. The sample of the population studied was non-probabilistic (24.49% of the total) due to the current pandemic moment of COVID-19 and its consequent deaths and social and household isolation, and descriptive analysis of the data was performed. Results: According to findings, of the 107 participants, 33.6% (n = 36) were in polypharmacy, and 77.8% (n = 28) were women, aged 80 years or more (44, 4%; n = 16), single (41.6%; n = 15), illiterate or with incomplete primary education (55.6%; n = 20), young people with more than three comorbidities (52.8%; n = 19) and the most used drugs were those acting on the cardiovascular system (97.2%; n = 36) and on the central nervous system (55.6%; n = 20). Also negative self-rated health (50%; n = 18). The high prevalence of polypharmacy obtained in this study shows that the use of five or more medications seems to be a reality among the elderly assisted in Primary Health Care. Conclusions: Knowledge of the epidemiological profile and prevalence of polypharmacy in the elderly population is essential, as result in the quality of care. And the impact of excess prescriptions to which they are reported, in addition to fostering data collected for the proportion of prevention and minimization of damage caused by the Practice.

Keywords: Primary Health Care; Aged; Polypharmacy; Drug Utilization Review; Medication Errors.

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

INTRODUÇÃO

Os desenhos epidemiológicos e demográficos no mundo vêm apresentando muitas mudanças nos últimos anos, principalmente com o envelhecimento populacional acelerado nos países em desenvolvimento como o Brasil. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que em 2025, o Brasil será o sexto país com o maior número de idosos em sua população. Esse processo de envelhecimento demográfico torna necessário uma mudança nos sistemas de atenção à saúde, para atender as necessidades dos idosos, levando em consideração o desenvolvimento de comorbidades típicas dessa nova população (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016; STUCHI, 2016).

O crescimento expressivo da prevalência de doenças crônicas e uso associado e desregrado de diferentes classes medicamentosas, tem gerado um grande impacto nas condições clínicas e econômicas dessa população, provocando consequências negativas à saúde e qualidade de vida dos idosos (SECOLI, 2010; STUCHI, 2016).

A polimedicação ou polifarmácia é definida em algumas literaturas, como consumo de cinco ou mais medicamentos diferentes e mostrar-se um difícil e importante desafio no atendimento e cuidado do idoso, por gerar uma série de complicações devido a redundância farmacológica, prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados, interações medicamentosas perigosas, risco de reações adversas, toxidade cumulativa, iatrogenia, além do aumento de hospitalizações e óbitos (SECOLI, 2010; MARQUES et al., 2019).

Estudos e dados do Ministério da Saúde, apontam que no Brasil, 70% dos idosos possuem pelo menos uma comorbidade crônica, sendo 25,1% com diabetes, 18,7% obesos, 57,1% hipertensos e 66,8% com excesso de peso, cada doença necessitando de tratamento medicamentoso e uso regular de fármacos. Esses estudos mostram que 91% dos idosos brasileiros fazem uso de algum fármaco e 27% desta população usa cinco ou mais medicamentos (STUCHI, 2016; LIMA-COSTA, 2019).

Apesar de a polifarmácia ser apontada como um processo natural no idoso (PAULINO et al., 2021). “Ao tratar a terceira idade, no entanto, o profissional da medicina deve lembrar-se de suas peculiaridades e avaliar a importância real daquela prescrição, seu risco e benefício, interação medicamentosa e possíveis complicações no idoso frágil” (FREITAS et al., 2021, p. 180).

Ademais, autores afirmam que, em geral, a polimedicação está associada ao sexo feminino, a idade mais avançada, o baixo nível de escolaridade, ao acesso à saúde

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

suplementar e a percepção negativa da própria saúde, tendo como consequência o uso dos medicamentos potencialmente inadequados e provocando reações adversas, interações medicamentosas, deficiências cognitivas e físicas e contribuindo para o aumento da morbimortalidade nos idosos (PAULINO et al., 2021).

Na assistência à saúde, a atenção primária é porta de entrada principal aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e segundo o Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (Elsi-Brasil), 75,3% dos idosos do país os dependem exclusivamente dos serviços prestados no SUS (PAULINO et al., 2021). Esse segmento da saúde pública tem como um dos preceitos básicos, a prevenção quaternária.

Proposta pelo médico de família e comunidade Marc Jamoulle, a prevenção quaternária se relaciona com os demais níveis de prevenção propostos por Leavell e Clark e estabelece um conjunto de ações em saúde voltadas para a identificação de pessoas sob risco de medicalização excessiva, tendo como objetivo protegê-las de "novas invasões médicas" e sugerir intervenções eticamente aceitáveis, partindo das diferentes perspectivas e da relação entre pacientes e médicos. Esta proposta destaca ainda a importância da relação médico-paciente por: (a) reconhecer a pessoa, sua singularidade e autonomia; (b) valorizar o processo de decisão conjunta/compartilhada; (c) adotar um método clínico centrado na pessoa; e (d) desenvolver habilidades relacionais e de comunicação no encontro clínico, que podem resultar tanto na medicalização como na coprodução de saúde e autonomia (CARDOSO, 2015).

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar a prevalência da polifarmácia e o perfil epidemiológico dos pacientes idosos de uma Unidade Básica de Saúde do interior da Paraíba, correlacionando com gênero, faixa etária, situação conjugal, escolaridade, acesso à saúde suplementar e aquisição de medicamentos, além da análise das principais comorbidades e medicamentos de uso pelos idosos.

MÉTODOS

Estudo transversal e quantitativo, realizado no período de abril a outubro de 2021 com idosos da Unidade Básica de Saúde Maurício Cajuaz, no município de Patos, interior da Paraíba. Patos está localizada no Sertão Nordestino, distante 307 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Segundo estimativas de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui aproximadamente 108 766 habitantes. A Unidade Básica de Saúde estudada é formada por cinco microáreas e, de

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

acordo com os dados de cadastros do software Prontuário Eletrônico Completo (PEC), do Sistema e-SUS Atenção Básica, em 2021, a UBS tinha 437 pacientes com mais de 60 anos de idade.

Diante do cenário Pandêmico da COVID-19, por se tratar de uma população idosa, com a ocorrência de óbitos ao longo da pesquisa e o isolamento social e domiciliar, foi adotada amostra não probabilística por conveniência (n=107; 24,49% do total). Incluíram-se no estudo idosos (60 anos ou mais), cadastrados na Unidade Básica de Saúde Maurício Cajuaz e excluíram-se aqueles com quadros demenciais ou mentais, por impossibilitar a entrevista para coleta de dados.

Os dados foram coletados dos prontuários eletrônico e através de entrevista com os pacientes utilizando-se um roteiro de entrevista estruturado que incluiu variáveis epidemiológicas e clínicas de: idade (anos), situação conjugal (solteira, casada, união estável, divorciada/separada e viúva), escolaridade (analfabeta, primário completo, ginasial completo, médio completo e superior completo), se o paciente mora sozinho ou com alguém (cônjuge, cônjuge e filhos, filhos, filhos e netos, netos, outros), acesso à saúde suplementar; comorbidades, medicações em uso, forma de aquisição das medicações (sus, custo próprio, custo próprio + sus) e autoavaliação da saúde (positiva ou negativa). Os dados registrados foram armazenados em bancos de dados desenvolvidos no Excel versão 2019 para Windows. As análises estatísticas descritivas foram realizadas no mesmo software.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário de Patos (UNIFIP) sob o número 4.811.982/2021.

RESULTADOS

Em relação a análise epidemiológica [TABELA 1], esta amostra apresentou predomínio das mulheres (75,7%), com 80 anos ou mais de idade (25,2%), casadas (36,4%), analfabetas ou com primário incompleto (49,5), que residiam com algum acompanhante.

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

TABELA 1: Características sociodemográficas dos idosos entrevistados.

Sexo	n	%
Feminino	81	75,7
Masculino	26	24,3
Total	107	100,0
Faixa etária	n	%
60 a 64 anos	22	20,6
65 a 69 anos	24	22,4
70 a 74 anos	17	15,9
75 a 79 anos	17	15,9
80 anos ou mais	27	25,2
Total	107	100,0
Situação conjugal	n	%
Solteiro (a)	37	34,6
Casado (a)	39	36,4
União estável	1	,9
Divorciado (a) ou separado(a)	5	4,7
Viúvo (a)	25	23,4
Total	107	100,0
Escolaridade	n	%
Analfabetismo ou primário incompleto	53	49,5
Primário completo ou ginasial incompleto	23	21,5
Ginasial completo ou médio incompleto	12	11,2
Médio completou ou superior incompleto	10	9,3
Superior completo	9	8,4
Total	107	100,0
Mora sozinho? Se não, com quem?	N	%
Cônjuge	21	19,6
Cônjuge e filhos	19	17,8
Filhos	19	17,8

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Filhos e netos	8	7,5
Netos	6	5,6
Outros	16	15,0
Mora sozinho	18	16,8
Total	107	100,0

Autoria própria (2021).

A prevalência de polifarmácia foi evidenciada em 33,6% do total de pacientes entrevistados, com 72% possuindo acesso à saúde suplementar, com forma de aquisição de medicamentos através de financiamento próprio somado ao fornecimento pelo Sistema Único de Saúde (70,1%). A autopercepção de saúde foi autorrelatada como positiva em 50,5% dos entrevistados. [TABELA 2]

TABELA 2: Acesso à saúde suplementar e financiamento de medicamentos.

Tem acesso a saúde suplementar?	n	%
Sim	77	72,0
Não	30	28,0
Total	107	100,0
Polifarmácia	n	%
Sim	36	33,6
Não	71	66,4
Total	107	100,0
Forma de aquisição dos medicamentos	n	%
SUS	8	7,5
Custo próprio	24	22,4
Custo próprio + SUS	75	70,1
Total	107	100,0
Auto avaliação em saúde	n	%
Positiva	54	50,5
Negativa	53	49,5
Total	107	100,0

Autoria própria (2021).

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Sobre as caraterísticas clínicas, os pacientes apresentaram como principais comorbidades hipertensão arterial sistêmica (68,2), diabetes mellitus (30,8%), ansiedade (15,9%), dislipidemia (14%), osteoporose (14%) e infarto agudo do miocárdio prévio (14%) [TABELA 3]

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

TABELA 3: Principais comorbidades relatadas.

Diabetes mellitus	n	%
Sim	33	30,8
Não	74	69,2
Total	107	100,0
Osteoporose	n	%
Sim	15	14,0
Não	92	86,0
Total	107	100,0
Ansiedade	n	%
Sim	17	15,9
Não	90	84,1
Total	107	100,0
Tabagismo	n	%
Sim	8	7,5
Não	99	92,5
Total	107	100,0
Hipertensão Arterial Sistêmica	n	%
Sim	73	68,2
Não	34	31,8
Total	107	100,0
Acidente Vascular Encefálico prévio	n	%
Sim	6	5,6
Não	101	94,4
Total	107	100,0
Dislipidemia	n	%
Sim	15	14,0
Não	92	86,0
Total	107	100,0
Infarto Agudo do Miocárdio prévio	n	%
Sim	15	14,0
Não	92	86,0
Total	107	100,0
Doença do Refluxo Gastroesofágico	n	%

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Sim	10	9,3
Não	97	90,7
Total	107	100,0
Insônia	n	%
Sim	11	10,3
Não	96	89,7
Total	107	100,0
Osteoartrose	n	%
Sim	7	6,5
Não	100	93,5
Total	107	100,0
Doença Renal Crônica	n	%
Sim	6	5,6
Não	101	94,4
Total	107	100,0
Insuficiência Cardíaca	n	%
Sim	5	4,7
Não	102	95,3
Total	107	100,0
Total	107	100,0
Alcoolismo	n	%
Sim	5	4,7
Não	102	95,3
Total	107	100,0
Nenhuma comorbidade	n	%
Sim	1	0,9
Não	106	99,1
Total	107	100,0

Autoria própria (2021).

As classes de medicamentos mais utilizadas [TABELA 4] foram os anti-hipertensivos (70,1%), psicotrópicos não benzodiazepínicos (35,5), estatinas (32,7%), antidiabéticos orais (29,9%), antiagregantes plaquetários (20,6%) e benzodiazepínico (16,8%), e os fármacos mais utilizados: losartana potássica (46,7%), metformina

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

(19,6%), hidroclorotiazida (17,8%), anlodipino (15%), omeprazol (12,1%) e clonazepam (10,3%). Apenas 3,7% dos pacientes não faziam uso de nenhuma medicação de forma crônica [TABELA 4]

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

TABELA 4: Classes farmacológicas e medicamentos mais utilizados pelos idosos entrevistados.

Classes de medicamentos	n	%
Antidiabéticos orais	32	29,9
Estatina	35	32,7
Anti-hipertensivos	75	70,1
Antiagregantes plaquetários	22	20,6
Bisfosfonatos	14	13,1
Psicotrópicos não benzodiazepínicos	38	35,5
Benzodiazepínicos	18	16,8
Inibidores da Bomba de Prótons	18	16,8
Medicamento	n	%
Metformina	21	19,6%
Alprazolam	7	6,5%
Quetiapina	7	6,5%
Alendronato de sódio	9	8,4%
Pregabalina	5	4,7%
Clonazepam	11	10,3%
Losartana potássica	50	46,7%
Hidroclorotiazida	19	17,8%
Anlodipino	16	15,0%
Ácido acetilsalicílico	10	9,3%
Polivitamínicos	6	5,6%
Colecalciferol	10	9,3%
Sinvastatina	6	5,6%
Atenolol	6	5,6%
Captopril	6	5,6%
Omeprazol	13	12,1%
Enalapril	5	4,7%
Zolpidem	5	4,7%
Clopidogrel	5	4,7%
Glibenclamida	7	6,5%
Duloxetina	7	6,5%
Carvedilol	6	5,6%

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Pantoprazol	5	4,7%
Nenhum medicamento	4	3,7%

Autoria própria (2021).

DISCUSSÃO

Nos idosos entrevistados que faziam a polifarmácia, a prevalência foi maior em mulheres, com 80 anos ou mais, solteiras, analfabetas ou com ensino fundamental incompleto, com acesso à saúde suplementar, apresentando mais de três comorbidades com aquisição de medicamentos de forma própria associada ao fornecimento pelo SUS. A autoavaliação negativa da saúde foi identificada entre metade da amostra.

Assim como neste estudo, em que foi possível identificar que a frequência da polifarmácia elevada entre os idosos atendidos em Unidade Básica de Saúde do interior do nordeste brasileiro, principalmente nas mulheres e nos pacientes com baixa escolaridade e idade igual ou superior a 80 anos, outras pesquisas apresentam dados semelhantes (PAULINO et al., 202).

Associado ao envelhecimento da população, os estudos vêm mostrando a ocorrência do fenômeno de feminização da velhice, devido a mulher viver mais anos que o homem. As mulheres apresentam um maior risco de polimedicação, por apresentarem problemas de saúde mais complexos em relação aos homens da mesma idade. Além disso, os estudos mostram que as mulheres apresentam uma postura diferente em relação às doenças e ao conceito de saúde, buscando assistência de forma mais frequente e rápida e, consequentemente, se expondo mais a prescrição e uso de fármacos (PAULINO; PAULINO; SOUSA; TORRES, 2021) (CORRALO et al., 2018) (SALCHER; DELLANI; PORTELLA; DORING, 2018).

A idade avançada, outro fator identificado no presente estudo, está associada às diversas mudanças fisiológicas e o aumento da prevalência de doenças crônicas, também fator de risco para polifarmácia, que vai aumentando conforme aumenta a idade, sendo necessário o consumo de diversos medicamentos para o tratamento e controle dessas comorbidades (FREITAS et al., 2019).

A baixa escolaridade também é um fator de risco para a polifarmácia nos idosos, pois o analfabetismo dificulta o entendimento das prescrições, levando ao uso incorreto da terapêutica prescrita (CARNEIRO et al., 2018).

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

A autopercepção negativa da saúde é uma condição importante de morbidade e uso de serviços, especialmente na população idosa. A literatura mostra que a autoavaliação negativa da saúde está diretamente relacionada ao aumento progressivo no consumo de fármacos e do uso de serviços de saúde, levando a prescrição de diversas medicações, e consequentemente no uso de fármacos potencialmente impróprios (PAULINO; PAULINO; SOUSA; TORRES, 2021) (SALCHER; DELLANI; PORTELLA; DORING, 2018). Mesmo sendo esperado, que com o avançar da idade e as consequentes alterações fisiológicas e surgimento de morbidades, ocorra uma piora na autoavaliação de saúde, esta não deve ser negligenciada, principalmente pelas equipes da Atenção Primária à Saúde, devido ao seu impacto na piora da saúde da população idosa (CARNEIRO et al., 2018).

Os fármacos mais utilizados pelos idosos foram os que atuam sobre o sistema cardiovascular, principalmente anti-hipertensivos, antidiabéticos orais, estatinas e antiagregantes plaquetários e os medicamentos de atuação no sistema nervoso central, resultado compatível com estudos anteriores (SALCHER; DELLANI; PORTELLA; DORING, 2018) (CARNEIRO et al., 2018) (ALVES; CEBALLOS, 2018). Esses últimos, com frequência cada vez mais elevada de prescrições, apresentando evidências na literatura de desfechos negativos, como quedas, fraturas, acidentes automobilísticos, comprometimento cognitivo e delirium (MAGALHÃES; SANTOS; REIS, 2019).

Uma limitação do estudo foi ter sido realizada no período da Pandemia da COVID-19, com a ocorrência de óbitos dos idosos selecionados devido à doença, além do isolamento domiciliar dessa população de risco. É importante a cautela com os resultados apresentados, pois foi realizando em centro de saúde de uma cidade do interior do nordeste do Brasil. Além disso, como o presente estudo foi transversal, com análise descritiva, não é possível estabelecer uma relação de causa e efeito.

O envelhecimento populacional evidenciou a necessidade de implantação de mecanismos que aperfeiçoem a assistência à saúde do idoso, investindo na qualificação de profissionais para que atuem na prevenção, no cuidado e na atenção integral à saúde da população idosa. Ao prescrever medicamentos para idosos, o médico deve: avaliar a necessidade do uso do fármaco; não prescrevendo medicamentos que não sejam úteis ou que sejam considerados potencialmente impróprios para idosos; ajustar a doses de acordo com as possíveis alterações do estado fisiológico da funções renais e hepáticas dos pacientes; analisando a forma farmacêutica mais indicada; evitar, sempre que possível, o uso de medicamentos para tratar os efeitos colaterais de outra medicação; ter sempre em mente a possibilidade de interação com substâncias que o paciente possa

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

estar usando sem indicação médica, incluindo fitoterápicos, medicamentos não controlados, medicamentos obtidos de conhecidos; usar associações fixas de medicamentos só quando estas forem lógicas, bem estudadas e auxiliem a aceitabilidade ou melhorem a tolerância e a eficácia; tentar verificar se o paciente aceita e segue corretamente o tratamento (STUCHI, 2016).

CONCLUSÃO

A alta prevalência de polifarmácia obtida no presente estudo evidencia que o uso de cinco ou mais medicamentos parece uma realidade entre os idosos atendidos na Atenção Básica. Portanto, constatou-se que mais de ⅓ dos idosos encontravam-se em polifarmácia, eram mulheres, longevos, com baixa escolaridade, com acesso à saúde suplementar e os fármacos mais utilizados eram os de ação no sistema cardiovascular e no sistema nervoso central.

O conhecimento do perfil epidemiológico e a prevalência da polifarmácia na população idosa é de fundamental, pois reflete a qualidade da assistência fornecida e o impacto do excesso de prescrições às quais são submetidos, além de fomentar dados necessários para propor estratégias de prevenção e minimização dos danos decorrentes da prática.

Por fim, com recursos limitados, os estudos sobre a realidade da assistência à saúde da população idosa no Brasil são escassos, fazendo com que médicos e outros profissionais de saúde enfrentem incertezas nas decisões sobre o melhor tratamento e suporte oferecido a esses pacientes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Niedja Maria Coelho; CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de. Polifarmácia em idosos do programa universidade aberta à terceira idade. Journal Of Health & Biological Sciences, Recife, v. 6, n. 4, p. 412, 9 out. 2018. Disponível em: https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1910/756. Acesso em: 6 nov. 2021.

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

BUONANNO, Caio Vinicius; YAMAZAKI, Henrique Arizono; KANDA, Marcio Shudi; MEDINA, Wanessa. Prescrição de medicamentos antidiabéticos e anti-hipertensivos internados em hospital-escola do interior paulista. CuidArt, Catanduva, v. 12, n. 1, p. 18-22, maio 2018. Disponível em: http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2018v1/18.pdf. Acesso em: 6 nov. 2021.

CARDOSO, Raquel Vaz. Prevenção quaternária: um olhar sobre a medicalização na prática dos médicos de família. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 1-10, 24 jun. 2015. Sociedade Brasileira de Medicina de Familia e Comunidade (SBMFC). http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc10(35)1117. Disponível em: https://www.rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1117/704. Acesso em: 6 nov. 2021.

CARNEIRO, Jair Almeida et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos comunitários. Medicina (Ribeirao Preto. Online), Ribeirão Preto, v. 51, n. 4, p. 254-264, 27 dez. 2018. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v51i4p254-264. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/154921. Acesso em: 6 nov. 2021.

CORRALO, Vanessa da Silva et al. Polifarmácia e fatores associados em idosos diabéticos. Revista de Salud Pública, Bogotá, v. 20, n. 3, p. 366-372, 1 maio 2018. Universidad Nacional de Colombia. http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v20n3.50304. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124006420180003003 66&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2021.

FREITAS, Dennyse Ellen de et al. Polimedicação de idosos na universidade aberta à maturidade. Revista de Divulgação Científica Sena Aires, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 316-321, 10 jul. 2019. Revista de Divulgacao Cientifica Sena Aires. http://dx.doi.org/10.36239/revisa.v8.n3.p316a321. Disponível em: http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/427. Acesso em: 6 nov. 2021.

DOI: 10.29327/213319.22.2-10
Páginas 200 a 217

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

LIMA-COSTA, Maria Fernanda. Envelhecimento e saúde coletiva: Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil). Revista de Saúde Pública, Belo Horizonte, v. 52, n. 2, p. 1-3, 24 jan. 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/153927/150242. Acesso em: 6 nov. 2021.

MAGALHÃES, Mariana Santos; SANTOS, Fabiana Silvestre dos; REIS, Adriano Max Moreira. Fatores associados ao uso de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos na alta hospitalar. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 18, p. 1-8, 22 out. 2019. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2020ao4877.

MARQUES, Priscila de Paula; ASSUMPÇÃO, Daniela de; REZENDE, Roseli; NERI, Anita Liberalesso; FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo. Polifarmácia em idosos comunitários: resultados do estudo Fibra. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Campinas, v. 22, n. 5, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/wr4rsrFhfBRBq9ynz7Vrj4d/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2021.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 19, n. 3, p. 507-519, jun. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/MT7nmJPPRt9W8vndq8dpzDP/?lang=pt#. Acesso em: 6 nov. 2021.

PAULINO, Rafaela de Albuquerque; PAULINO, Rebeca de Albuquerque; SOUSA, Milena Nunes Alves de; TORRES, Camila Rocha Vieira. Fatores Relacionados à Polimedicação e o Impacto na Qualidade de Vida dos Idosos: uma revisão integrativa da literatura. Id On Line Revista de Psicologia, Patos, v. 15, n. 54, p. 183-196, 28 fev. 2021. http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v15i54.2914. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2914/4635. Acesso em: 6 nov. 2021

SALCHER, Eduarda Brum Guedes; DELLANI, Marcos Paulo; PORTELLA, Marilene Rodrigues; DORING, Marlene. FATORES ASSOCIADOS AO USO DE MEDICAMENTOS POTENCIALMENTE INAPROPRIADOS EM IDOSOS

Temas em Saúde
Volume 22, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

URBANOS E RURAIS. Saúde e Pesquisa, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 139, 2 maio 2018. Centro Universitario de Maringa. http://dx.doi.org/10.17765/1983-1870.2018v11n1p139-149. Disponível em: https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6129/3172. Acesso em: 6 nov. 2021.

SECOLI, Silvia Regina. Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. Revista Brasileira de Enfermagem, [S.L.], v. 63, n. 1, p. 136-140, fev. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/49Hwsx38f79S8LzfjYtqYFR/?lang=pt. Acesso em: 06 nov. 2021.

STUCHI, Bruno Pereira. Polifarmácia em idosos na atenção primária. 2016. 21 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Saúde da Família, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/7986/1/Bruno%20Pereira%20Stuchi.pdf. Acesso em: 06 nov. 2021.